

FILOSOFIA

A atualidade de Ortega y Gasset

Adelto Gonçalves

Discutir Ortega y Gasset (1883-1955) é sempre atual porque ele era um filósofo que não só falava a linguagem das ruas como suas reflexões correspondiam a preocupações que afetam as novas gerações, como provam as constantes reedições em várias línguas pelas quais seus textos têm passado. Por isso, justifica-se também o Colóquio sobre Ortega y Gasset que a Coordenadoria do Curso de Filosofia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), de Minas Gerais, realizou de 1ª a 5 de setembro de 2003 para divulgar as idéias do filósofo espanhol e discutir os rumos do humanismo contemporâneo.

Sob a organização do professor José Maurício de Carvalho, saem agora as *Atas do Colóquio Ortega y Gasset* com os textos daqueles que participaram do Encontro Internacional Raciocionalista e Humanista, inclusive do professor Juande Martos Cadernas, do Club de Filosofia Prática, da Espanha, um dos promotores do encontro. Além de textos do professor José Maurício de Carvalho e professores convidados de outras instituições brasileiras e de acadêmicos da própria UFSJ, as *Atas* trazem o ensaio “O muro de António Machado ao mérito do pensador José Ortega y Gasset”, de Joaquim Montezuma de Carvalho, colaborador especial do suplemento *Das Artes das Letras* do jornal *O Primeiro de Janeiro*, do Porto.

Em seu texto, Montezuma recorda o poema que o sevilhano António Machado (1875-1939) fez ao jovem Ortega y Gasset quando este, em 1914, ainda no começo da carreira, lançou o seu famoso livro *Meditações do Quixote*. Para Montezuma, o poema implícito trazia um recado a Ortega y Gasset para que não se desviasse de seu salutar comportamento independente, sem se deixar guiar pelo conservadorismo católico tão presente na Espanha de então.

Montezuma diz que sua fé em Ortega y Gasset perdurou inabalável até que, a 20 de maio de 2002, recebeu o livro *Cartas a Pilar* que reúne cartas de Machado a Pilar Valderrama. Numa carta datada de 30 de janeiro de 1929, quinze anos depois daquele primeiro juízo, Machado fazia uma idéia dúbia do filósofo. Dizia: “Ortega tiene indudable talento, pero es, decididamente, un pedante y un cursi; las dos cosas se dan en él en dosis iguales”.

Machado reconhecia o talento inegável de Ortega y Gasset, mas o via como um pedante, alguém que fazia ostentação desnecessária de seu saber, e um cafona, que, à maneira portuguesa, Montezuma traduziu por piroso. Mas tanto piroso como cafona são expressões mais recentes que talvez não traduzam *cursi* com fidelidade, o que levou Montezuma a optar também por afetado, este sim um termo mais adequado.

Já o professor José Maurício de Carvalho, em “Ortega y Gasset: um interlocutor ainda atual”, faz um balanço do legado orteguiano entre os pensadores brasileiros, destacando dois em especial, pelas meditações que vêm desenvolvendo ao largo de décadas. Um deles é Gilberto de Mello Kujawski que, além de difundir entre os brasileiros as idéias orteguianas, escreveu uma série de ensaios em que aprofunda temas atuais à luz da filosofia da razão vital.

Para Carvalho, na obra *Viver é perigoso* – título de óbvia inspiração em Guimarães Rosa --, está o que parece ser o fulcro da filosofia de Kujawski. “Ele acompanha o filósofo espanhol Ortega y Gasset no entendimento de que a vida é a realidade fundamental de que temos que dar conta e espera aprofundar um aspecto dela, o perigo”, diz. Com esse conceito, traduz os riscos inerentes à vida, ou seja, como diz Kujawski, “o perigo é a substância da vida, esta consiste substancialmente em perigo”.

O outro pensador brasileiro orteguiano destacado por Carvalho é Ubiratan Borges de Macedo, que se ocupou em aprofundar a noção de circunstância proposta pelo filósofo espanhol. Segundo a síntese elaborada por Antônio Paim, diz Carvalho, o que Macedo nos oferece de mais significativo é “a distinção entre o tradicionalismo e o conservadorismo liberal e o estabelecimento do significado da obra dos liberais no Segundo Reinado”.

A esses dois autores, Carvalho acrescenta ainda Nelson Saldanha, autor de *Filosofia, povos e ruínas – páginas para uma filosofia da história* (2002), para quem “o homem se realiza na história, faz a história e com ela torna significativas as coisas, inclusive povos e ruínas”. Para Saldanha, “a filosofia não precisa ser uma coisa abstrusa, inacessível às mentes dos homens em geral nem tampouco uma teorização banal, mera descrição do chamado senso comum”.

Entre os trabalhos dos acadêmicos que participaram do Colóquio, destaca-se o texto “O problema da Educação na filosofia da razão vital de Ortega y Gasset”, de Danilo Santos Dornas, da UFSJ, orientando do professor José Maurício de Carvalho. Ao procurar definir o

pensamento de Ortega y Gasset sobre a Educação, Dornas lembra que o filósofo entendia que ensinar o homem pelos modelos funcionais, como as teorias mecânicas então predominantes em sua época, não esclarece as realidades vitais do homem. Para Dornas, o erro daqueles que idealizaram as concepções pedagógicas da época em que viveu Ortega y Gasset foi supor que, ensinando técnicas ao indivíduo, iriam dotá-lo de visão científica e de uma inteligência inquestionável.

ATAS DO COLÓQUIO JOSÉ ORTEGA Y GASSET, de José Maurício de Carvalho (organizador), Encontro Internacional Racio vitalista e Humanista, realizado de 1º a 5 de setembro de 2003. Universidade Federal de São João del Rei, Minas Gerais, 195 págs, 2003. E-mails: mauricio@funrei.br; danielodornas@uol.com.br

Adelto Gonçalves é doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e autor de *Gonzaga, um Poeta do Iluminismo* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999), *Barcelona Brasileira* (Lisboa, Nova Arrancada, 1999; São Paulo, Publisher Brasil, 2002) e *Bocage – o Perfil Perdido* (Lisboa, Caminho, 2003). E-mail: adelto@unisanta.br